

O que faz a roda do tempo girar tão rápido?

O tempo da vida parece estar cada vez mais acelerado. Temos cada vez mais tarefas no trabalho e fora dele. Nos comunicamos de forma cada vez mais rápida com as pessoas e esperamos também que elas respondam rapidamente. Fazemos cada vez mais coisas de forma simultânea. Ou pelo menos parece que é isso que o mundo espera de nós. Um segundo tem a mesma duração que um segundo tinha há um século. Uma hora continua tendo a mesma duração que tinha há cinquenta anos. E um dia continua tendo 24 horas, da mesma forma que tinha antes de existir a internet. Mas algo mudou na nossa relação com o tempo. Algo mudou na nossa experiência do passar do tempo. Isso acontece porque a forma como vivenciamos o tempo está relacionada a várias dimensões da organização da sociedade. Ou seja, o tempo não é apenas uma série de medições, é também uma experiência subjetiva e social.

A incorporação de novas tecnologias no nosso cotidiano muda a forma como fazemos e vivenciamos várias coisas e é comum que se associe a experiência de aceleração do tempo às mudanças tecnológicas. Mas se essas mudanças nos permitem fazer mais coisas em menos tempo, as pessoas não deveriam ter cada vez mais tempo livre, já que hoje existem avanços técnicos que nos permitem, por exemplo, atravessar longas distâncias, desenvolver vários tipos de tarefas ou produzir os mais diversos bens em menos do tempo do que há cem anos? Ao contrário, para as trabalhadoras em geral, o tempo continua escasso e às vezes até mais do que para as gerações anteriores. Uma boa forma de pensar sobre isso é se perguntar para que finalidade os avanços tecnológicos estão voltados.

Karl Marx dedicou grande parte da sua vida a investigar o funcionamento do sistema social e econômico no qual vivemos, o capitalismo, e foi certeiro ao identificar que o estímulo da produção capitalista é a ampliação permanente do acúmulo de riquezas. Se o dono de um comércio, de uma fazenda ou de uma fábrica receber como retorno o mesmo do que foi investido, não há estímulo para a produção capitalista. O sociólogo Hartmut Rosa, em seu livro *Aceleração - as transformações das estruturas*

temporais da modernidade, argumenta que o dinamismo e o crescimento são elementos que estruturam as sociedades modernas e que as sociedades capitalistas têm uma compulsão ao crescimento material. Ou seja, a sociedade capitalista está estruturada pela necessidade de crescimento permanente. É preciso quebrar os recordes de vendas a cada ano e superar os lucros do ano anterior. Para que isso seja possível, os ciclos de produção, distribuição, troca e consumo precisam ser constantemente acelerados para que os lucros extraídos desses ciclos possam também crescer de forma mais rápida. A aceleração permanente dos ciclos econômicos é uma das condições necessárias para que essa permanente ampliação da acumulação seja possível.

De forma hipotética, se antes era preciso duas horas para que uma trabalhadora produzisse um sapato e, agora, como consequência de vários avanços técnicos, seja possível produzir 50 sapatos nessa mesma quantidade de tempo, a dona da fábrica é quem lucra mais. A trabalhadora não recebe de acordo com a quantidade de sapatos que produziu, mas sim com a quantidade de tempo que passou trabalhando. A trabalhadora produz mais, mas não recebe mais. A lógica de aceleração do tempo, então, não responde às necessidades da humanidade, mas às necessidades de uma pequena parcela de pessoas que lucram mais na medida em que os ciclos econômicos giram de forma mais rápida.

As inovações na produção, distribuição e troca caminham lado a lado com o aumento das demandas de consumo. A sociedade é estimulada a consumir cada vez mais e a produzir bens materiais e culturais cada vez mais rapidamente. O que estava na moda há um ano, agora já parece velho e estamos sempre em movimento para absorver novos padrões. Vivemos uma grande intensidade de inovações, e a humanidade produz diariamente uma enorme quantidade de riquezas. Mas essas riquezas estão concentradas nas mãos de um grupo pequeno de pessoas. Essa aceleração dos ciclos econômicos atravessa toda a organização da nossa sociedade e a forma como vivemos no nosso dia a dia.

As redes sociais e seu impacto na nossa forma de ver, sentir e pensar sobre o mundo

No mundo em que vivemos, o tempo do trabalho condiciona o nosso tempo de vida. Não apenas porque o tempo do trabalho remunerado ocupa um lugar de centralidade nas nossas rotinas, mas também porque a sua lógica passou a condicionar também a forma como vivemos o nosso tempo fora do trabalho. O tempo fora do trabalho funciona como uma espécie de reposição para o próximo dia de trabalho e, seguindo a mesma lógica, ele passa a ser regido também pela ideia de produtividade. É preciso fazer coisas, o máximo de coisas possível. O ócio, o descanso e a apreciação despreocupada da vida são entendidos como perda de tempo. Até mesmo os momentos de intervalo entre obrigações do cotidiano são ocupados por demandas relacionadas à necessidade que a estrutura econômica da sociedade em que vivemos tem de gerar cada vez mais lucros e boa parte do nosso lazer passa a ser atrelado ao consumo de algo.

Por exemplo, acordar, pegar o celular e ser capturado por uma avalanche de mensagens, informações, fotos, vídeos e memes virou uma rotina para muitas pessoas, especialmente para jovens. A nossa relação com aplicativos como Whatsapp, Instagram ou TikTok parece ser simplesmente uma forma de se distrair no nosso tempo vazio ou se informar sobre temas que nos interessam. Essas plataformas dão uma falsa ideia de escolha. Parece que temos toda a liberdade do mundo para escolher como, quando e o que queremos acessar. Mas os aplicativos têm o seu funcionamento estruturado para direcionar os nossos interesses e fazer com que a gente permaneça conectado o máximo de tempo possível. Quando a gente

discute esses temas, é preciso pensar, também, que essas plataformas têm donos e que a captura do nosso tempo livre serve aos interesses de grandes empresas.

Enquanto o aplicativo estiver aberto, estará produzindo estímulos com o objetivo de manter o nosso engajamento, fazendo com que a gente queira continuar interagindo, vendo mais uma foto, mais um vídeo e mais um e outro e outro. Com isso, os aplicativos geram expectativas insaciáveis que têm afetado de forma crescente a nossa saúde física e mental. Estamos expostos a uma quantidade imensa de imagens, informações e estímulos. Conectadas às redes, temos a permanente sensação de que algo novo virá e ansiamos por isso, mas nada parece ser realmente novo, nada nos satisfaz e seguimos imersas na mesma lógica do consumo de imagens e informações superficiais. O excesso de estímulos gera a necessidade de consumirmos mais coisas, de forma mais rápida e acabamos vivendo uma espécie de eterno presente, um tempo esvaziado em que nada parece ser capaz de nos tirar de um estado de indiferença. Já não temos concentração, nem paciência para vídeos mais longos, conversas mais aprofundadas e muito menos para a leitura.

Com tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, estamos cada vez mais voltadas para os estímulos que vêm de fora e temos menos tempo para o que está dentro de nós. Tudo isso tem moldado a nossa forma de viver, de experienciar o mundo, de conversar com as pessoas e pensar sobre o que lemos, o que vemos, o que sentimos, o que imaginamos e com o que sonhamos.



O tempo dos filmes e o tempo da vida

Quando estamos diante de um filme, é importante pensar que ele é resultado de uma série de escolhas feitas por quem o produziu. Colocar a câmera aqui ou ali, enquadrar deixando este ou aquele elemento dentro ou fora, cortar a fala de uma pessoa antes ou depois... Tudo isso molda a forma como as outras pessoas vão ver e também o que elas vão pensar ou sentir quando assistirem ao filme. Ou seja, o cinema não nos apresenta a realidade como ela é, o que ele faz é criar uma representação da realidade. Tudo o que vemos é uma construção, então, quando queremos analisar um filme, é importante pensar em como aquilo que foi mostrado expressa a ideia que quem fez o filme quer transmitir. Isso serve para pensarmos o cinema, mas também para pensar todo meio de comunicação audiovisual, como vídeos de internet, séries, reportagens e outras linguagens.

Digo às companheiras que aqui estão (2022) traz uma visão do cinema como um encontro, como um momento de diálogo e abertura para ouvir a entrevistada. No cinema brasileiro, o documentarista Eduardo Coutinho é uma referência dessa forma de fazer filmes. Na sua obra, o encontro com as pessoas e com o que elas têm a falar é sempre o elemento central do próprio filme. E se colocamos a experiência das pessoas e a sua fala como elemento central de um filme, é preciso que haja tempo para ouvi-las. Pensar um filme como um encontro exige que se criem formas de aproximação com as personagens. A ideia é que as pessoas que vão assistir ao filme entrem em contato não apenas com o que a personagem está falando, mas com seu jeito de construir as frases, seus gestos, seu senso de humor e com a própria experiência do encontro, que é permeada pela partilha de um tempo em que estamos juntas.

Essa é uma forma de realização audiovisual muito diferente da maior parte da produção de filmes, vídeos e séries com que temos contato hoje. Da mesma forma que a aceleração do tempo atravessa o nosso cotidiano, ela atravessa também o que consumimos culturalmente. Nós somos expostas a conteúdos cada vez mais curtos e acelerados. Nesse tipo de conteúdo, em geral a montagem (etapa que consiste em selecionar trechos determinados do que foi filmado e colocá-los em uma certa ordem) utiliza muitos cortes, retirando os momentos de silêncio

e repetição que as pessoas fazem quando vão desenvolver uma ideia, ou deixando no filme apenas aqueles pequenos trechos em que a personagem fala exatamente o que interessa a quem está realizando o filme. A ideia que está por trás desse tipo de montagem é não “perder tempo”, “ir direto ao ponto”.

Da mesma forma que o tempo dos filmes e vídeos a que assistimos é reflexo do ritmo da sociedade em que vivemos, essas obras também criam o próprio ritmo da nossa sociedade. Os filmes formam uma visão de mundo e uma maneira de olhar. A pressa da montagem se alinha à aceleração do tempo e à uniformização do olhar que vivemos hoje. As coisas não estão somente cada vez mais rápidas, elas estão também cada vez mais parecidas. Como se houvesse um tempo em que todas as pessoas e os filmes deveriam se encaixar, independente do que elas pretendam abordar. A temporalidade dos encontros mais longos, onde se desenvolvem ideias que não sejam diretas ou lineares, seria, nessa perspectiva, um empecilho para o filme. Por isso, não poderiam fazer parte do filme. Isso molda as nossas formas de pensar e de sentir. Quanto mais rápido uma ideia é apresentada, menos tempo as espectadoras têm para refletir. Nesse consumo acelerado de informações, às espectadoras cabe um lugar passivo.

Ao preservar, através de poucos cortes, o ritmo de fala de Lenira Carvalho, uma senhora de 88 anos, o documentário *Digo às companheiras que aqui estão* (2022) vai na contramão dessa aceleração do tempo. A montagem destaca não só o que está sendo dito, mas também os gestos, a busca de uma palavra enquanto Lenira elabora um pensamento, as hesitações do discurso ou o silêncio. Mais do que entender esses momentos como imperfeições, a montagem os incorpora como forma de trazer as pessoas que estão assistindo para perto de como Lenira costumava se comunicar. O documentário valoriza justamente o diálogo, essa dimensão de encontro, e, como numa conversa, busca abrir espaço para que as espectadorasensem junto com Lenira entre uma ideia e outra. Há, nessas escolhas, uma posição política que tem a ver com instaurar um tempo reflexivo e encontrar formas de representar que ampliem o nosso olhar sobre a realidade.